etnográfica • junho de 2014 • 18 (2): 301-305

Antropologia em Portugal nos últimos 50 anos: introdução

Marina Pignatelli

Esta introdução visa inteirar o leitor dos fundamentos que serviram de base à elaboração de um dossiê temático dedicado à antropologia em Portugal nos últimos 50 anos. Trata-se de algumas linhas explicativas sobre o contexto em que surgiu a oportunidade de compilar todos os valiosos contributos que cada autor acedeu a prestar para este dossiê temático, bem como algumas notas sobre o modo como foi pensada a organização dos textos nele incluídos, dada a importância que cada um tem, como marca de cada década, desde os anos 60, até à atualidade. O alinhamento tem por isso uma ordem que se espera venha a permitir um entendimento elucidativo do que tem sido feito na antropologia em Portugal, no passado meio século, sendo ainda sucintamente apresentados os autores e os conteúdos que desenvolveram para o presente dossiê, que se espera venha a ser de algum modo um avanço relevante para a história desta disciplina das ciências sociais, a nível nacional.

PALAVRAS-CHAVE: antropologia, história, Portugal.

Anthropology in Portugal in the last 50 years: introduction • This introduction aims to acquaint the reader to the grounds that served as the basis for the production of a thematic dossier on the anthropology that has been done in Portugal in the last 50 years. These are but some explanatory lines on the context in which the opportunity to compile all the valuable contributions that each author has agreed to pay for this thematic dossier emerged, as well as some notes on how the organization of the texts included in it were thought, given the importance that each of them has, as marks of each and every decade, from the sixties to the present. Therefore, the alignment follows an order so that it hopes it will allow a plain understanding of what has been done in anthropology in Portugal in the past half century. The authors who developed the contents of each contribution are also briefly presented, expecting this dossier to be somehow relevant as an advancement to the history of this social science discipline at a national level.

KEYWORDS: anthropology, history, Portugal.

PIGNATELLI, Marina (mpignatelli@iscsp.ulisboa.pt) – Centro em Rede de Investigação em Antropologia; Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa, Portugal.

COMO JANUS, DEUS ROMANO DOS INÍCIOS, DAS PASSAGENS E DAS transições, com uma face voltada para o passado e outra virada para o futuro, podemos olhar para a forma como se tem feito a investigação e o ensino da antropologia em Portugal. Iniciadas há mais de um século, ambas têm sido desenvolvidas ao sabor dos diversos contextos históricos, com enorme empenho por parte de inúmeros pesquisadores nacionais e estrangeiros que escolheram este país para iniciar ou dar continuidade aos seus estudos. Uns fizeram-no pontualmente, como uma fase transitória das suas vidas. Outros devotaram e continuam a dedicar ainda à pesquisa antropológica, a par da docência ou não, toda a sua vida profissional. Os frutos dos seus trabalhos, no conjunto, formam um indiscutível contributo para o corpo de conhecimentos empíricos, teóricos e metodológicos sobre as diversas realidades abordadas, favorecendo o enriquecimento do saber sobre os mais variados aspetos das diferentes culturas, tanto em Portugal como noutros terrenos mais distantes.

Em abril de 2012 realizou-se o Congresso Evocativo do Cinquentenário da Criação do Centro de Estudos de Antropologia Cultural (1962-2012), que pretendeu não apenas celebrar a génese daquele centro, como se propôs, através do alinhamento cronológico das sessões por décadas até ao presente, fazer um importante e necessário balanço através da apresentação e debate sobre o trabalho que tem sido desenvolvido na antropologia portuguesa, nos últimos 50 anos. Já naqueles anos, a legislação era clara:

> "Tem-se procurado desenvolver e sistematizar uma atividade intensa e útil no domínio da antropologia cultural, de modo a recuperar o atraso em que nos encontramos nesta matéria. [Por esse motivo] Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Ultramar, o seguinte: 1.º É criado na Junta de Investigações do Ultramar, para funcionar junto do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, o Centro de Estudos de Antropologia Cultural."[1]

Este Centro foi dirigido por António Jorge Dias que, com Ernesto Veiga de Oliveira, Benjamim Pereira e Fernando Galhano, igualmente assegurava o funcionamento do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular (CEEP). Este e o Centro de Estudos de Antropologia Cultural (CEAC) foram o embrião do Museu de Etnologia do Ultramar, inaugurado em 1965, e que promoveu ainda a criação do primeiro curso universitário de antropologia do país, no final dessa década (Leal 2006: 177). O CEAC surge como o primeiro da lista de inventário dos 52 organismos e instituições que se ocupavam do estudo dos problemas sociais em Portugal (cf. Pereira 1965), dedicando-se à investigação no âmbito das recolhas da Missão de Estudos de Minorias Étnicas do Ultramar Português

1 Portaria n.º 19.137, de 21 de abril de 1962, *Diário do Governo*, n.º 90/62, série I.

da Junta de Investigações do Ultramar (JIU), sendo também pioneiro, numa época que Jorge Dias tinha designado como período "antropológico-cultural e social" (cf. Areia 1986).

A preocupação destes centros, da formação ministrada e do museu era sobretudo a de dinamizar a investigação antropológica, quer em terras lusas, através dos estudos etnográficos "cá dentro", assim dando continuidade ao ideal de "construção da nação", quer simultaneamente noutras geografias, designadamente nas províncias ultramarinas, com a face voltada para a "construção do império" (cf. Stocking Jr. 1982). Quintino já havia notado como

> "em Portugal, a organização da agenda etnográfica é também tardia e permite demonstrar de que modo as tradições da construção do império e da construção da nação [...] se articulam e tornam possível a participação no centro, através da etnografia fora de casa, e na periferia, através da etnografia das tradições populares em casa [...]" (Quintino 2004: 40).

A equipa de Jorge Dias empenhava-se nas duas frentes, mesmo que as vontades das tutelas nisto parecessem por vezes menos óbvias.

O conjunto de textos que a seguir se apresentam reflete bem esses tempos e os que se seguiram. São uma mostra das dezenas de testemunhos na primeira pessoa, de acordo com o período em que cada investigador desenvolveu o seu trabalho de campo mais representativo para o contributo da antropologia portuguesa. A pertinência e qualidade dos trabalhos apresentados no congresso levou a que os participantes fossem convidados a redigir livremente sobre as suas experiências, de forma que fosse possível documentar a expressão e registo dos seus contributos e reflexões. Os autores apenas estavam balizados pela década em que cada um desenvolveu pesquisa antropológica de modo mais intenso. Por isso, o leitor irá notar no conjunto a diversidade de estilos, dimensão e conteúdos, uns apresentando-se como artigos mais longos que, a partir de uma experiência pessoal de ensino ou investigação, dão conta de um período ou tendência da antropologia em Portugal (Xerardo Pereiro, Jorge Freitas Branco, José Gabriel Pereira Bastos, Cristiana Bastos); e outros, sendo artigos mais curtos, em jeito de depoimentos, são focados num tema de investigação (Manuela Ivone Cunha, Maria de Fátima Amante) ou em interconexões de pesquisa, ensino, tempo e lugar (Brian O'Neill, Miguel Vale de Almeida).

Ainda tendo trabalhado no CEAC com Jorge Dias, Carlos Ramos Oliveira oferece-nos umas linhas dessa "Memória do Centro de Estudos de Antropologia Cultural", onde refere o entusiasmo e dedicação com que era desenvolvida a atividade deste centro, o espírito de equipa e de entreajuda entre os seus colaboradores, porque eram tão poucos, com tão parcos recursos e tanto por pesquisar. Susana de Matos Viegas e João de Pina-Cabral dão-nos uma visão global de um período conturbado e de renovação da disciplina, em "Na encruzilhada

portuguesa: a antropologia contemporânea e a sua história". Com uma experiência de pertenças multiculturais e sendo ele próprio um *cocktail* de identidades, Juan Brian O'Neill regista "Os anos 70 em 3D: reflexões pessoais". Recorrendo à metáfora do corpo humano, descreve o seu percurso com um sentido crítico herdado das influências que recebeu, desde a sua socialização primária, com os pais, aos grandes mestres que o inspiraram, quer por leituras quer por ouvi-los em sala de aula, até às próprias pesquisas feitas em diferentes latitudes. Também em tom de nota pessoal, José Gabriel Pereira Bastos apresenta o seu percurso científico híbrido, assente na psicologia/psicanálise tanto quanto na antropologia – uma interconexão que fala do percurso "Da investigação por objetivos a uma antropologia dos processos identitários: um ponto de vista transdisciplinar e integrativo". Ainda referindo-se ao mesmo período, que qualifica como sendo de "luto intelectual", Jorge Freitas Branco busca os "Sentidos da antropologia em Portugal na década de 1970" e dá-nos conta de uma alteração do paradigma focado na harmonia para um novo, centrado nas desigualdades e conflitos, e das conturbadas vicissitudes da disciplina naqueles anos igualmente conturbados, com uma experimentada visão "por dentro" tão típica dos antropólogos. Sobre a pulverização dos anos 80, temos o testemunho de Miguel Vale de Almeida, "Com um pé dentro e outro fora: reflexões pessoais sobre a geração dos *eighties*". Eram tempos de ressurgimento da antropologia, de busca de novos rumos alternativos e de uma consolidação equilibrada e isenta da disciplina. Questionando e desbravando o próprio país "como o banal da vida corrente", ao mesmo tempo iniciava-se o tecer das teias da antropologia portuguesa com redes mais vastas, nomeadamente a europeia e a lusófona. A almejada consolidação da antropologia é-nos explicada por Cristiana Bastos. O seu contributo sobre "A década de 1990: os anos da internacionalização" elucida-nos relativamente ao esforço que foi feito pelos antropólogos portugueses da sua geração no sentido de fortalecer os caminhos já traçados sobretudo no rumo continental, marcado pela fundação da European Association of Social Anthropologists (EASA), e no transcontinental, repensando criticamente e numa perspetiva pós-colonial os sentidos do império e da lusofonia como contraponto de afirmação face à Europa e ao mundo e face ao predomínio anglófono que se instalou nas academias. Reportando-se à mesma altura, Manuela Ivone Cunha elabora uma análise das "Linhas de redefinição de um objeto: entre transformações no terreno e transformações na antropologia", relativa à historicidade do etnógrafo e do etnografado, à qual acrescenta o contexto teórico em que ambos se enquadram, e usando os espaços de reclusão feminina como *locus* de investigação. Finalmente, a entrada no novo milénio coloca os antropólogos em busca de novos rumos, procurando responder aos desafios e tendências do século XXI e abrindo a investigação não só às áreas temáticas centrais da antropologia, mas renovando-as com os debates contemporâneos marcados pelo eixo

tradição-modernidade em contextos culturais e sociais diversos. Assim, Maria de Fátima Amante fala "Das fronteiras como espaço de construção e contestação identitária às questões da segurança" e Xerardo Pereiro "Da antropologia à antropologia aplicada ou a afirmação da disciplina no Norte de Portugal", o primeiro dedicado a um olhar crítico sobre os condicionalismos em que as fronteiras nacionais são mantidas ou suprimidas pelo Estado, através de uma experiência de terreno cunhada pela proximidade, na raia luso-espanhola, e o segundo ilustrando os modos como se expande e afirma a antropologia aplicada e implicada no Norte do país.

Foram deste modo compiladas todas as contribuições e alinhadas pelas diferentes gerações de antropólogos, permitindo criar um "dossiê" emblemático da antropologia portuguesa nos últimos 50 anos, cuja importância justificou que fosse proposta a sua publicação à revista *Etnográfica* e que se espera venha a contribuir, de algum modo, para o conhecimento da história da antropologia em Portugal e permita uma reflexão centrada no futuro. Numa altura em que o país atravessa crises profundas e se dá "uma espécie de destruição criativa […], esperando que, das cinzas, nasça algo de novo", como afirmou Manuel Sobrinho Simões, parece ser oportuna tal reflexão, já que "Na ciência, não nasce", diz o mesmo investigador, nem nada se produz sem um esforço concertado.[2]

BIBLIOGRAFIA

AREIA, M. L. Rodrigues de, 1986, "A investigação e ensino da antropologia em Portugal após o 25 de Abril", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 18-19-20: 139-152.

LEAL, João, 2006, *Antropologia em Portugal: Mestres, Percursos, Transições*. Lisboa, Livros Horizonte.

PEREIRA, Raúl da Silva, 1965, "Investigação social em Portugal: organismos e instituições", *Análise Social*, III (9-10): 160-219.

QUINTINO, Maria Celeste, 2004, *Revisão de Agendas Etnográficas: Convés, Varandas, Aldeias e Cidades*. Lisboa, ISCSP-UTL.

STOCKING Jr., George, 1982, "Afterword: a view from the center", *Ethnos*, 4: 172-186.

2 Cf. entrevista publicada no jornal *Público*, "Este Governo fez uma espécie de destruição criativa: rebentou com tudo", 22 de novembro de 2013.